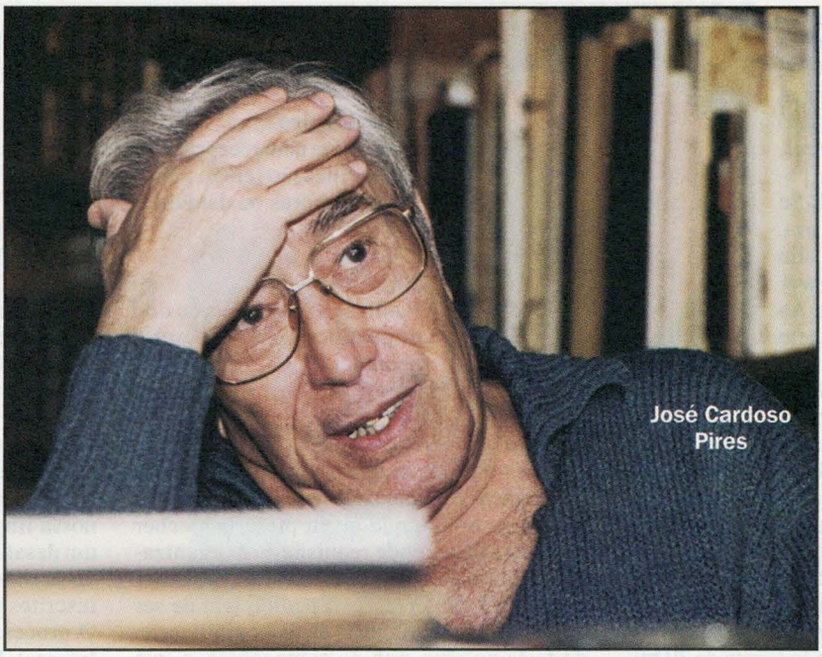
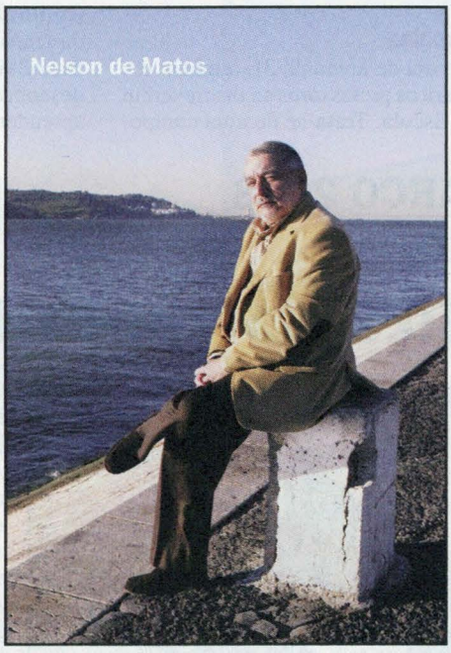
Inédito de Cardoso Pires publicado por Nelson de Matos

É uma «novela sobre a crise académica de 62» o inédito de José Cardoso Pires, *Lavagante*, que Nelson de Matos vai publicar, no arranque da sua nova editora, já em Fevereiro. Uma chancela em nome próprio – Edições Nelson de Matos – que o editor cria aos 62 anos, com a experiência de muitas casas editoriais – da Arcádia e da Moraes à Ambar, passando pela Dom Quixote que dirigiu mais de duas décadas – e o propósito de um certo contraponto à actual concentração editorial.


José Cardoso Pires

Lavagante, escrito no início dos anos 60, teve três versões, a primeira das quais publicada na revista *O Tempo e o Modo*, de Dezembro de 1963, altura em que saiu *O Hóspede de Job*, depois de *O Anjo Ancorado* e ainda antes de *Dinossauro Excelentíssimo*. Foi a partir da terceira versão, a mais recente, que Ana Cardoso Pires, uma das filhas do escritor, fez a fixação dessa novela, que se desenvolve em torno de um médico preso que acaba por ser salvo pela namorada que tem um caso com o agente da PIDE que o prendeu. O carácter «absolutamente político» da narrativa, onde são visíveis alguns traços de textos e personagens de obras futuras e a escrita «muito depurada» e «clara» de Cardoso Pires, pode justificar, no entender de Ana Cardoso Pires, o facto do pai nunca ter publicado esta história. «Julgo que poderá tê-la deixado de lado à espera de lhe juntar outros contos para fazer um livro, daqueles que a Barata, por exemplo, vendia por baixo do balcão», sublinha. «Porque certamente iria ter problemas com a censura. Mas entretanto envolveu-se muito a escrever *O Delfim*».


Nelson de Matos

Dez anos depois da morte de José Cardoso Pires, Ana Cardoso Pires achou que era altura de publicar *Lavagante*, quando Nelson de Matos lhe pediu um conto do pai. Tanto mais que era profunda a amizade entre o escritor e o editor. De tal forma que só depois de 20 anos de relação editorial, quando a Dom Quixote foi adquirida pela Planeta, Cardoso Pires assinou um contrato com a sua editora, por insistência de Nelson de Matos.

Ana Cardoso Pires está convicta de que José Cardoso Pires teria escrito para o arranque da nova editora do seu amigo Nelson de Matos. E acredita que a seguir a *Lavagante* irá publicar outros títulos do autor de *O Delfim*, *Balada da Praia dos Cães*, *Alexandra Alpha* ou *De Profundis, Valsa Lenta*. Não inéditos, já que a novela que agora será dada à estampa é um caso único, mas outros textos em novas edições. «Uma das coisas que me inquieta é saber o que se faz com os autores mortos, que fogem completamente à lógica mediática dos apresentadores de televisão. E perguntei-o mesmo ao editor que substituiu João Rodrigues na Dom Quixote», adianta. «Também por isso, achámos que era a altura de entregar o espólio à Biblioteca Nacional. Em casa, não serve para nada e assim poderá ser estudado. Cabe às universidades manter vivos esses autores». No Brasil, segundo ela, há meia dúzia de teses de mestrado e doutroamento em curso sobre Cardoso Pires. Em Portugal, não tem conhecimento.

São sobretudo versões dos romances e contos publicados que integram o espólio do escritor, que será entregue na BN, em Outubro. Era conhecida a forma como Cardoso Pires escrevia e reescrevia, por vezes com personagens e contextos diversos, os seus livros. Mas também existem alguns escritos incompletos, como o início de um romance, uma saga inspirada na sua própria família, que suspendeu, quando depois de ter «morto» um tio na narrativa, este morreu na semana seguinte. Ana Cardoso Pires não sabe de outros inéditos, mas ressalva sobretudo que a família sempre teve um «enorme pudor» em mexer naquele espólio.

Lavagante é o primeiro título da colecção *Mil Horas de Leitura*, mas a Nelson de Matos vai apresentar-se com mais dois livros: *Infância. Quando eles eram pequeninos*, um volume com testemunhos de 34 personalidades da vida portuguesa, organizado por Sarah Adamopoulos e prefaciado por António Barreto; e *A Oposição Católica ao Estado Novo (1958/ 1974)*, de João Miguel Almeida, um trabalho a partir da tese de mestrado feita na Universidade Nova de Lisboa, com prefácio de Fernando Rosas. ●

Ruy Duarte Carvalho: Novo livro e ciclo no CCB

A câmara, a escrita e a coisa dita..., de Ruy Duarte Carvalho, uma edição da Cotovia, é lançado dia 11 de Fevereiro, num ciclo dedicado ao escritor angolano, que decorre até 19, no Centro Cultural de Belém. O livro incide sobre as relações entre o Cinema, a Literatura e a Antropologia, abarcando os diferentes territórios da criação do poeta, ensaísta e antropólogo, cuja produção cinematográfica e fotográfica cruza uma vertente etnográfica, fulcral também no seu trabalho.

A natureza caleidoscópica da obra de Ruy Duarte Carvalho – centrada ou inteiramente perpassada, no entanto, pela poesia, que já reuniu num só volume, *Lavra* – determinou a organização da exposição *Essa maneira de convocar tudo*, que poderá ser vista na sala Mário Cesariny. Genericamente denominado *Dei-me portanto a um exaustivo labor*, o ciclo, comissariado por José António B. Fernandes Dias, integra ainda os debates *Escritas/Leituras*, a 12, e sobre a imagem, a 13, sempre às 18 e 30, na Sala de Leitura, e uma comunidade de leitores, que culminará numa sessão, a 17, no Pequeno Auditório, com a presença de Ruy Duarte Carvalho. A 13 e 14, vão ser exibidas as suas longas-metragens *Nelisita: narrativas nyaneka* e *Moia: o recado das ilhas*, na sala de ensaio, às 21, mas em diversos monitores irão passar muitos dos seus documentários. *Vou lá visitar pastores*, uma encenação de Manuel Wiborg a partir do livro homónimo de Ruy Duarte Carvalho, será entretanto reposta, dias 15 e 16, também às 21, no pequeno auditório.